

## Romance 1-3ª versão

### 1p. Romance 1ª versão inspiração “folheto do crime”

Foi na vila da Afurada  
Que Toninho Vaz de Pina  
Matou de morte matada  
Sua mulher Marcelina.

Marcelina ensanguentada  
Inda pedia perdão  
Mas a ira insaciada  
Não pode ter compaixão.

Mas por aí não ficou  
Sua fúria criminal  
Que tanto pavor espalhou  
Nas gentes da marginal.

Em leito mal amanhado  
Manel Chico ressonava  
Quando o marido enganado  
A garganta lhe varava.

Pois Toninho descobrira  
Por artes do mafarrico  
Que a Marcelina dormia  
Com o marçano Manel Chico.

Quanto sangue, Virgem Mãe  
O ciúme é ruim veneno  
Nenhum mal virá por bem  
Se o inferno for pequeno.

Se a cama mal fizeres  
Nela te há-de deitar  
Quem se dana de prazeres  
O pior pode esperar

Vaz de Pina em parte incerta  
Erra como um cão raivoso.  
Na sua vida deserta  
Não tem morte o criminoso.

A dor do corno é mais forte  
Que a mais bera dor de dentes  
Toninho, anjo da morte  
Degolou duas serpentes.

Á polícia tem escapado  
O medo tornou-o esperto  
Mas diz o povo informado  
Que voltará encoberto.

A arma do assassino  
Executou a sentença  
Que a grande lei do destino  
Aos amantes não dispensa.

### 2-3p. Romance 2ª versão: Elogio e condenação da heroína seguindo os momentos do genérico

## **I**

Deus te deu tal formosura  
E tanta graça no ser  
Que na noite mais escura  
Em sonhos te hei-de ver.

Arminda mulher perdida  
Tua sina sei de cor  
Eras a boca da ferida  
Feita p'rás lides de amor.

Ai Arminda, pé de cabra  
Contigo hei-de bailar  
Que a terra a menos pés se abra  
Se no céu não te encontrar.

## **II**

Aos infernos baixarei  
Se aos infernos desceste  
Não hão-de as chamas queimar  
Aquilo que não me deste.

## **IIIa-**

Ai Arminda, o teu cabelo  
Da cor do sangue plebeu  
Tinha a sina do novelo  
Onde o fio se perdeu.

## **IIIb-**

Cala o bico ó cantador  
Que essa Arminda era o diabo  
A três léguas em redor  
Se lhe via a cor do rabo.

## **IV**

Ninguém nela tinha mão  
Tinha a mão perto da brasa  
Em noite de S. João  
Botou fogo à própria casa.

p.3

## **V**

Aos homens tirava o sizo  
E o ouro que possuíam  
Pelo favor dum sorriso  
Na mão de Arminda comiam.  
Aos homens ganhou fastio  
Pelo ouro se danou

Mas tudo o ouro do rio  
Para ela não chegou.

## **VI**

Deus te deu tal formosura  
E tanta graça no ser  
Que na noite mais escura  
Em sonhos te hei-de ver.

Arminda, mulher perdida  
Dona sem lar nem morada  
De todos os homens querida  
De nenhum homem achada.

Ai, Arminda, teu cabelo  
Era de sangue pintado  
Em noites de pesadelo  
Nele morro afogado.

O povo não te perdoa  
Que em velha inda fosses bela  
Metias as moças novas  
Dentro da tua chinela.

## **VII**

Cala o bico, ó cantador  
Essa cabra era um estafermo  
Valha-nos Nosso Senhor  
Que a mandou p'ró Inferno.

O sangue corre nas veias  
E nas bocas corre o mundo  
As palavras tecem teias  
E cavam poços sem fundo.

Correm ditos impossíveis  
E falas que enlouquecem (E dizeres que ensandecem)  
E os presságios mais terríveis  
Um dia lá acontecem.

Quantas vezes no olhar  
Duma mulher desvairada  
O futuro hás-de encontrar  
Duma história já passada?

Ai de ti que ouviste a voz  
Que este crime revelou!  
Pois nunca os males vêm sós  
Desde que Adão nos gerou.

Quantas vezes o trejeito  
Duma boca insaciada  
Se cravará no teu peito  
Como flecha envenenada?

O sangue manda no gesto  
E o ouro manda na gente  
Pode mentir tudo o resto  
Mas o corpo nunca mente.

Ai de ti se deres ouvidos  
Á voz do sangue que grita!  
Pois em todos os sentidos  
Mais manda a parte maldita.